

FHC 2* FEV 1997

CORREIO BRÁZILIENSE

MINO CARTA

O sorriso presidencial

Em busca dos motivos que levaram Fernando Henrique a limar seus caninos

Alguns caricaturistas percebem: o presidente Fernando Henrique não desfiguraria no papel de Drácula, ao menos no que diz respeito aos caninos. Caninos afiados são indispensáveis ao bom desempenho de um vampiro e os caninos presidenciais são afiadíssimos, conforme se observa em várias charges. Esta característica de FHC está clara aos olhos de qualquer observador medianamente atento. Aparece, por exemplo, nos *closes* freqüentes do primeiro mandatário que ornem as primeiras páginas dos jornais, as capas das revistas e o vídeo nosso de cada dia. Mas os chargistas são observadores excepcionalmente atentos. Aliás, têm de ser, caso contrário militarizam em outro ramo. E são eles que, com seu traço impiedoso, sublinham mais esta potencialidade do nosso versátil presidente. Se quisesse, Fernando Henrique poderia concorrer com Bela Lugosi e Gary Oldman.

Infinitos são os caminhos de Fernando Henrique, mas não é este o ponto. Usei os verbos do parágrafo acima no presente e, no entanto, houve uma mudança substancial no semblante do primeiro magistrado: a conformação dos seus caninos já não é mais aquela. A ponta vampiresca parece ter sido desgastada com o devido esmero por adequados apetrechos manobrados por mãos experientes. Um dentista diria: por ali passou algum colega competente. Me permito apostar que passou mesmo. Quer dizer, Fernando Henrique cuidou de limar seu sorriso, ainda que esta decisão possa desagradar os caricaturistas. Ora, direis: vaidade. O princípio dos sociólogos, de fato, tem fama de vaidoso. Mas,

os caninos. Não fosse a marcação da mídia, sobretudo eletrônica, ele se preocuparia com aquela sua semelhança com um conde transilvano?

Agora vejamos a coisa do ângulo do telespectador. A televisão, muito mais que a chamada imprensa escrita — imprensa escrita? bah, é assim que o pessoal fala — cria uma especial intimidade entre a minha modesta pessoa e o líder parlamentar, o governador, o ministro, o presidente da República, assim como o cinema nos leva a conviver com os astros e as estrelas com a certeza de que se trata de amigos de infância — ou inimigos, dependendo dos papéis que habitualmente interpretam. E é por aí que o caldo engrossa. Digo, em relação aos homens do poder, por causa, exatamente, do poder, o qual tem tudo a ver com o futuro de um país e a vida de uma nação.

O poder depende a tal ponto deste instrumento avassalador chamado televisão que, sem ele, não se estabelece. Por isso as intenções no uso do instrumento são fatais. Por exemplo. A Globo apoiou Fernando Collor e o rebanho votou naquela personagem de pesadelo. Não há como evitar a referência específica à Globo, sem menosprezo pelas demais emissoras. A Globo é a Globo, ela se confunde com o poder, é o coração e a mente do poder brasileiro. Não foi por acaso que o único movimento popular autêntico de dimensão nacional ocorrido nos últimos 30 anos — autêntico porque contrário à vontade da elite —, a campanha das diretas-já, não contou com o apoio inicial da Globo. A empresa do Dr. Roberto só aderiu quando o Amazo-

no caso, pondero: não é só vaidade.

Drácula vai bem nas montanhas da Transilvânia ou na tela, na Presidência da República não funciona. Ali queremos alguém com cara de presidente, e tanto mais nos dias de hoje, em que as câmeras de tevê vasculham dia e noite os movimentos das figuras públicas. Houve momentos em que, ao ver Fernando Henrique na telinha, entretido, por exemplo, em conversas políticas, me perguntei se ele não acabaria cedendo ao impulso natural de fincar seus invulgares caninos na jugular do interlocutor. Foi um temor que freqüentemente me assaltou, um súbito tormento a me encrespar a alma e o espírito cívico. Agora, finalmente, sosseguei. Aquela inquietação — exagerada talvez, porém sincera — já não me toma ao meio do *Jornal Nacional* e dou graças a Deus e ao profissional que aparou os caninos presidenciais.

Estou falando de um detalhe. Fernando Henrique não fez um grande esforço para se apumar em toda a impotência e dignidade do seu cargo. Nada além de uma sessão na cadeira do dentista. Há situações mais complexas. Delicadas. Digamos, Inocêncio Oliveira. Que trabalho estético haveria de ser levado a cabo para que as crianças não caíssem em choro convulsivo quando Inocêncio surge no vídeo em horários transitáveis para menores? Aos netos eu costumou dizer, para acalmá-los: que é isso, o Inocêncio é da turma do Tarzã. Nem sempre os convenço. Meus netos têm uma irrefreável tendência para dramatizar os eventos. Há também o Paes de Andrade, mas vamos parar com isso, a bem de sonhos mansos. A questão é outra e eu gostaria de gastar umas palavras sobre a influência da televisão na vida de todos nós. Desde Fernando Henrique até o acima assinado, tomado como representativo dos cidadãos comuns.

Aos cidadãos fora do comum, como Fernando Henrique, a presença da televisão impõe umas tantas obrigações. Eles, mais do que nunca, têm de coincidir com a idéia que fazemos deles. Ou seja, com a imagem. Se o próprio Deus aparecesse de repente, teria de se apresentar como um ancião poderoso de barbas brancas, caso contrário não seria reconhecido a imediatamente saudado com preces e genuflexões. Quanto a Inocêncio Oliveira, é provável que os seus eleitores sejam menos exigentes do que os meus netos. Já Fernando Henrique lima

Não há esperança de sobrevivência humana sem valores morais, senso de humor e espírito crítico.

nas da campanha começou a ser repressado pela enéssima manobra da turminha de cima. Fizeram a dita Aliança Democrática (democrática? bah, é o que o pessoal falava) e a aspiração do povo foi traída. Deu indiretas, a gente lembra.

A Globo é imbatível na sua capacidade de servir interesses oligárquicos enquanto aparenta preocupar-se com as preferências das

maiores audiências, dos telespectadores em geral. Tal é o roteiro da grande novela do Brasil hodierno, uma tragicomédia. Com a inestimável colaboração da Globo — sem detrimento das valiosas, embora pequenas contribuições das demais emissoras, e, naturalmente, dos principais órgãos da imprensa escrita — está sendo construída uma sociedade cada vez mais distante da contemporaneidade do mundo, embora a ribalta pulule de arautos da globalização. Uma elite cada vez mais prepotente. Uma classe média cada vez mais ignorante e grosseira. Massas cada vez mais passivas, abúlicas, inertes. Os valores morais, o senso de humor e o espírito crítico sumiram no tempo e no espaço. Hipnotizados e embrutecidos pelo besteirol da telinha, pela vulgaridade dos programas dos horários nobres, pelo esforço concentrado da desinformação patrocinada pelos noticiosos nacionais e locais, pela entronização do palavrão em meio à transformação da bela e rica língua portuguesa num hermetico dialeto aborigine — estamos ficando os alicerces de um futuro monstruoso.

Não há esperança de sobrevivência humana sem valores morais, senso de humor e espírito crítico. Mas a gente tomou este caminho e vai ser difícil sair dele. Até porque *anchor-men*, editorialistas, animadores e outros tantos porta-vozes do poder ficam nós dizendo que o país amadureceu. O tom deles é tão suave, o sorriso tão persuasivo, que a gente acredita, incluindo com destaque na operação o próprio sorriso, agora limado, e a fala levemente soporífera do nosso querido presidente da República. Eles entram na minha sala de estar a qualquer hora e esta presença constante os torna muito eficazes. De noite, antes de ganhar a cama, agradeço a Deus, aquele ancião de barbas brancas, por ter concedido ao Brasil a graça da reeleição e finalmente apóio a cabeça no travesseiro com a certeza de ter amadurecido. Ai, só falta cair no carnaval globeleza.